

VOZES DO FOLHETO: UMA PRÁTICA DE LEITURA E UM CASO DE POÉTICA ORAL

VOICES FROM THE *CORDEL*: A READING PRACTICE AND A CASE OF ORAL POETRY

Maria Ignez Novais Ayala e Rosangela Vieira Freire¹

Resumo: A literatura popular em versos nordestina, hoje conhecida como literatura de cordel, é abordada em suas relações com a oralidade. Na maioria dos casos, os poemas narrativos são guardados na memória, recorrendo-se à leitura dos textos, quando a memória falha. Tanto os iletrados, quanto os que lêem os poemas e os memorizam configuram-se como homens-livros e mulheres-livros que elegem certas histórias e com elas se identificam a ponto de emprestar seu corpo como invólucro destes títulos. Há algumas pessoas que são verdadeiras bibliotecas vivas desta literatura, reais representantes do patrimônio imaterial brasileiro. Esta é uma pesquisa em andamento sobre o assunto, que vem somando experiências esparsas ao longo de décadas de observação, registros sonoros e audiovisuais.

Palavras-chave: Cultura; Patrimônio imaterial; Culturas orais; Literatura popular; Literatura de cordel

Abstract: Brazilian northeastern popular literature in verses, today known as *Cordel* literature, is discussed in its relations with orality. In most cases, the narrated poems are memorized, known by heart and only read when memory fails. Both illiterate and those who read the poems and memorize them configure themselves as “book men” and “book women”, for they sort out certain stories, identifying themselves with such stories to the point of offering their own bodies as a cover for those titles. There are some people who are kind of “living libraries” of such literature, actual representatives of the Brazilian immaterial heritage. This is a research-in-process on the subject and has been gathering sparse experiences throughout decades of observation and sound and audiovisual recordings.

Keywords: Culture; Immaterial heritage; Oral culture; Popular literature; *Cordel* literature

Sabe-se que o termo “literatura de cordel”, a partir dos anos 1970, começou a se tornar a forma de designar a literatura popular nordestina impressa em folhetos. Preferidas por muitos pesquisadores e jornalistas, as publicações impressas em papel jornal, passaram a ser identificadas como cordel ou cordéis, a ponto de raramente encontrarmos, hoje, em ambientes acadêmicos ou em matérias veiculadas nos vários meios de comunicação, as designações

¹ Maria Ignez Novais Ayala, doutora em Letras, atua no PROLING (Programa de Pós-Graduação em Linguística) da Universidade Federal da Paraíba, ignez_ayala@uol.com.br. Rosangela Vieira Freire, mestre em Letras, professora do IFPB, campus de Sousa, PB, doutoranda do PROLING, UFPB, rosangelaveafs@yahoo.com.br.

utilizadas pelos leitores tradicionais nordestinos: folhetos, versos, ABCs (mais comum na Bahia) e ainda histórias de folhetos ou romances. A designação *folheto* se estendeu naturalmente a quem os vendia, tornando-se uma forma de distinguir o ofício praticado. Ao primeiro nome dos vendedores acrescentou-se o termo *folheteiro*. Vários que se notabilizaram no seu ofício ainda são muito lembrados, a exemplo de Orlando folheteiro, conhecido em Juazeiro do Norte como o rei do verso.

Entrevistas feitas nos últimos dez anos na Paraíba e no Ceará têm demonstrado que leitores antigos ainda continuam a utilizar termos como folhetos, romances, versos. Muitos destes leitores também revelam suas preferências pelos clássicos desta literatura, com alegações do tipo “esse *tal* de cordel é outra coisa, não é bom, não tem poesia como o folheto”. Outros chegam a dizer que é “*mal orado, mal versado*”. Com isso, percebe-se que o público tradicional recusa não só o nome, mas também rejeita as novas composições e também as releituras, mesmo que se apresentem com seus belos projetos gráficos. Um aspecto que chama a atenção nessa superabundância de publicações recentes de cordéis reside no fato de folheteiros como Seu Manuel Freire, que, em 1964, aos dezessete anos, foi comprar livros na Tipografia São Francisco, em Juazeiro do Norte, e até hoje comparece a todas as romarias, desconhece títulos e autores novos, não possui exemplares destas histórias, nem quando é cobrado por seus fregueses.

Confidenciou que existe um poeta novo, mas é muito fraco, ninguém se interessa por suas estórias. O poeta por ele referido produz há muitas décadas, mas não empolga. As tiragens destas novas composições são pequenas, reduzidas, muito localizadas, além de ter circulação bastante restrita e distante dos leitores tradicionais.

É sobre estes leitores que trataremos neste estudo. Como veremos, a leitura de folhetos atende, até hoje, o universo de expectativa de seu público. Vamos nos deter em algumas situações que dizem respeito ao folheto, romance ou verso e verificar, a partir das falas de vários leitores-ouvintes, o que mais atrai sua atenção nesses poemas.

CARACTERIZAÇÃO DA LITERATURA DE FOLHETOS: IMPRESSOS PARA SEREM ORALIZADOS

Antes de passarmos às vozes dos folhetos, voltemos ao período de formação desta literatura peculiar, produzida por autodidatas, destinada a autodidatas, semi-letrados e

iletrados. A literatura de folhetos nordestinos se formou como um dos sistemas culturais predominantes no nordeste brasileiro, que se intercomunicam, pela temática, pela utilização de regras de composição poética (rima métrica e oração) e pelo ritmo poético. Embora tenha a escrita na base da criação, o folheto mantém vínculos com os sistemas que se alicerçam na transmissão oral, não apenas por se expressar oralmente, cantado ou através da palavra, da fala, mas por ter criado gêneros que fazem lembrar o repente e os cocos de feira. As pelepas simulam as disputas poéticas da cantoria ao retomar vários modos de expressão da oralidade: além das sextilhas e setilhas, aparecem as décimas com versos em martelo, em galope e outros modos da cantoria. Cocos e emboladas também são modelos para a criação de folhetos, além de notícias que circulam boca-a-boca em prosa e verso.

Embora não seja ressaltado devidamente, é preciso lembrar que esse sistema editorial torna-se possível devido à modernização dos grandes jornais no início do Século XX. Empresas, como o Jornal do Comércio, de Pernambuco, substituíram máquinas inglesas ou alemãs do século XIX, tidas como obsoletas. Ao serem adquiridas pelos primeiros editores de folhetos nordestinos, surgiram as condições materiais necessárias para a criação de uma literatura popular em versos impressa. Era o momento para divulgar melhor uma produção local que já existia desde o final do Século XIX, criada por um conjunto de autores dispersos em vários estados nordestinos, cujos textos circulavam oralmente, a partir da memorização de manuscritos ou da reprodução declamada e cantada feita pelo público, constituído basicamente de ouvintes/leitores. Neste contexto de veiculação oral o mais importante não era a autoria e sim o que o poema dizia. Ruth B. L. Terra (1980, p. 2) a respeito do empenho dos autores de folhetos em garantir a autoria de seus textos, afirma:

[...] Sabe-se, porém, que o público desta literatura manifesta preferência por alguns poemas, constantemente reeditados, sem os relacionar a um autor. Isto não significa que determinados autores não tenham maior aceitação de sua obra, como por exemplo Leandro Gomes de Barros. [...] Tem-se assim o paradoxo de *uma literatura cuja autoria é reivindicada pelos que a escrevem e divulgam e um público para o qual não importa o autor.* (Grifos nossos)

Os poemas narrativos, impressos ou veiculados oralmente, como veremos, versavam acontecimentos presenciados diretamente por escritores e público (tragédias e flagelos que atingiam um grande número de pessoas); narravam façanhas extraordinárias de bois e

vaqueiros, associadas pelos leitores/ouvintes a ocorrências cotidianas; histórias de cangaceiros, valentões, fazendeiros, beatos, enfim, um conjunto de personagens que lembrava pessoas existentes na realidade. A título de ilustração, o folheto *Tragédia de uma paixão*, escrito por Delarme Monteiro, refere-se ao assassinato de um esposo cometido pelos amantes da mulher. O fato ocorreu em Missão Velha (CE) e coincidiu com a vinda do poeta a Juazeiro do Norte. Após ouvir os relatos das pessoas na cidade, ao chegar a Juazeiro, José Bernardo não só confirmou o caso, mas também sugeriu que Delarme escrevesse o poema. (MARANHÃO, 1981).

A criação literária popular nordestina já existia, quando se constituíram as tipografias populares que, além dos trabalhos de qualquer gráfica (convites, cartões, anúncios), se especializaram na publicação de autores regionais desses poemas narrativos, aos moldes do que era cantado por repentistas da época ou circulava através de cópias manuscritas. A existência dessas tipografias viabilizou o surgimento da *literatura* como sistema integrado de autores, obras e público, mas também não se deve esquecer que essa literatura conservou, nos poemas narrativos impressos, as marcas de oralidade, sem desprezar a visão de mundo, um conjunto de valores, de fazeres e saberes, integrados à experiência ou ao universo de expectativa dos leitores/ouvintes.

Canudos na Literatura de Cordel, de José Calasans (1984), é exemplo de que esta literatura tem conservado, desde os seus momentos de formação, traços das práticas culturais tradicionais, em termos de experiências vivenciadas repassadas a ouvintes. Neste livro é reunido um conjunto de ABCs e folhetos “selecionados porque representam tendências distantes do cordel brasileiro sobre o tema Canudos” (CALASANS, 1984, p. 3). Refere-se, aos poemas manuscritos que chegaram ao conhecimento de Euclides da Cunha e foram por ele copiados, em 1897, em sua *Caderneta de campo* (CUNHA, 1975, p. 58-61), no próprio campo de batalha, a Guerra de Canudos.

As ilustrações em xilogravura entraram na literatura de folhetos como uma solução tardia, quando os clichês em zinco que vieram dos jornais já não atendiam à demanda das histórias. Forma plástica de representar acontecimentos, personagens, histórias e costumes, a xilogravura, seja como ilustração na capa de folhetos, seja fora deles, em outros suportes, também auxiliam na caracterização dos folhetos. Há também casos de xilogravuras que são

releitura de fotos dos clichês em zinco, para satisfazer o público leitor tradicional. É de Ruth Terra a informação:

Nos folhetos publicados até os anos 20 predominam as capas com vinhetas. As xilogravuras, utilizadas a partir dos anos 30, concorriam com as capas ilustradas com clichês de cartões postais ou fotos de artistas de cinema; apenas nos últimos anos aparecem em maior número de capas. Pesquisa realizada em 1978 revela que as fotografias e os desenhos são preferidos às xilos. O xilógrafo Stênio Diniz relata que começou (por influência do público universitário) a trocar as capas de desenho por xilogravura. Ao substituir na reedição de um folheto o desenho de uma princesa recebeu reclamação dos revendedores que alegavam a queda na saída daquele folheto, em virtude da alteração da capa. *A batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, publicada em 1909, apresentou, até 1920, capa com vinheta. Em edições posteriores, passou a ser ilustrada com clichê que reproduz um quadro de batalha. Em 1973 este folheto aparece com xilo de Stênio Diniz. Possivelmente pelo mesmo motivo apontado na pesquisa citada, encontramos edições mais recentes com o clichê antigo. O conteúdo do poema continua inalterado e as edições se sucedem desde 1909. (TERRA, 1980, p. 4)

Os folhetos, ao longo do Século XX e até hoje, vinculam, de diferentes maneiras, as criações à realidade nordestina, desde as mais imaginativas às vivências experimentadas por poetas e leitores/ouvintes tradicionais. Antonio Augusto Arantes, em *O trabalho e a fala* (1982) desenvolve uma pesquisa pioneira sobre o folheto, buscando “suas relações com um quadro social específico, qual seja o nordeste brasileiro” daquela época, entre os anos 1966 e 1975. No capítulo inicial, “Poesia e Folheto”, apresenta “uma reflexão sobre onde e como essa literatura é produzida e distribuída, qual a posição social dos poetas e editores, quem é seu público e como os seus produtores representam essa atividade para si mesmos” (ARANTES, 1982, p. 13). Vejamos como começa seu estudo:

A primeira vez que vi um folheto em seu ambiente próprio foi em Feira de Santana, Bahia. Um homem lia um poema em voz alta, meio cantando, para um grupo de pessoas pobres, claramente procedentes da zona rural. Numa mesinha a seu lado, vários folhetos estavam expostos. As pessoas ouviam-no com atenção. Antes de terminar o poema, ele interrompeu a leitura e fez propaganda do livreto.” (Ibid., p. 15)

Mais adiante fornece nova descrição do contexto e de como os folheteiros (ambulantes especializados na venda) realizam o seu trabalho:

Os folheteiros geralmente chegam cedo à feira. Procuram um lugar adequado e montam a sua “banca”. Em geral têm uma maleta onde carregam os folhetos, colocando-a aberta em cima de uma armação de madeira.[...]

Para chamar a atenção dos compradores, tocam discos, exibem algum animal pouco comum (lagarto e cobra são os mais usados) ou simplesmente começam a cantar assim que três ou quatro pessoas se juntam à volta da banca. Iniciada a leitura, em geral outras pessoas se aproximam, sendo bem frequente encontrarem-se por volta de 50 pessoas numa “rodada” (como é chamado o grupo de pessoas agrupadas em redor do folheteiro). (Ibid., p. 32-3)

Os trechos citados acima descrevem uma cena costumeira em feiras nordestinas, que aos poucos foi desaparecendo, que era a venda acompanhada de leitura em voz alta, às vezes cantada. No início dos anos 1970, Maria Ignez Novais Ayala presenciou situação semelhante, incluindo o momento em que o vendedor de folhetos interrompia a leitura e dizia que, para conhecer o final do poema, era preciso comprá-lo.

O contexto da feira é singular por se tratar de um espaço onde as pessoas se organizam coletivamente para ir fazer compras, por movimentar o cotidiano, tanto que em cidades circunvizinhas os dias de feira não coincidem. Em Juazeiro do Norte, por exemplo, a feira acontece no sábado, em Crato, na segunda-feira, em Tarrafas, no domingo. Sabe-se que, nas feiras, são encontrados gêneros de primeira necessidade, preço mais acessível e é, principalmente, um lugar de encontros. Stênio Diniz, um dos colaboradores com quem conversamos, domina todo o processo de produção e circulação de folhetos. A tipografia São Francisco fundada pelo avô, José Bernardo, era uma extensão da casa; por isso Stênio fala com propriedade e possui um repertório rico de situações sobre esse universo. Numa das nossas entrevistas, ele se referiu às recomendações que as pessoas faziam às outras sobre o que se devia trazer da feira.

Isso pode marcar. Ia pra feira, saía dos sítios... “- Olhe, vai pra feira? Compre arroz, feijão, farinha, carne de jabá e alguns cordéis, os que saíram novos mais os antigos que já tinham sido lidos demais...” As

pessoas iam de cesta na mão comprar também lá na tipografia porque fazia parte da própria cesta². (Stênio Diniz)

Comprar folhetos por ocasião de uma feira nos autoriza considerá-los como uma necessidade vital.

Ruth Terra (1980), ao tratar da “propalada crise do folheto” durante a década de 60, refere-se à Tipografia de José Bernardo da Silva em Juazeiro do Norte que atingiu grandes índices de venda nos anos 50, chegando a editar “até 12 mil folhetos por dia, passa a editar 1 a 2 mil folhetos por semana, até o novo surto de folhetos, a partir da década de 70, quando as tiragens sobem para 12 mil exemplares semanais”, conforme dados publicados em *Antologia da literatura de cordel* (1978), publicação cearense resultante do Projeto literatura de cordel, realizado naquele estado nordestino.

Dentre as causas apontadas para a crise (dificuldades de impressão, alto custo do papel) Ruth Terra (1980) refere-se a “dificuldades de divulgação e venda (proibição de cantar folhetos nas feiras – após março de 1964 –, o barulho dos alto falantes nas feiras e mercados)”, causas essas apontadas por editores e poetas populares em inúmeras entrevistas feitas por ela em sua pesquisa de campo em Recife e João Pessoa em 1975, problemas também expostos em entrevistas feitas por Geraldo Sarno em 1968, às quais a pesquisadora teve acesso.

É sempre importante lembrar o que é específico deste sistema literário. Interferências de fora do sistema sempre podem ocorrer quando se dá o diálogo entre autores e público com experiências diferentes. Por um lado, os escritores, editores e vendedores de folheto foram vítimas da censura e da autocensura, impostas a muitos deles, o que causou medo de perder tiragens ou exemplares, caso apreendidos; por outro lado, há a pressão de um poder acadêmico que, pela insistência, acaba impondo sugestões, definições e até denominações alheias ao sistema literário do folheto.

2

Gravação feita na residência do colaborador, em Juazeiro do Norte, CE, em 21/07/2010.

REAÇÕES DE POETAS AO TERMO CORDEL

O termo cordel passa a ser utilizado por muitos poetas que não o aceitavam, como Rodolfo Coelho Cavalcante e Manoel d’Almeida Filho, que manifestaram sua recusa veemente ao termo em palestra gravada em 1978, no auditório do CCHLA da Universidade Federal da Paraíba³. Em certo momento, Rodolfo disse: “Quando, veja bem, não existia o Mobral, nós, nós os poetas populares, nós erámos o MOBREAL!...”, querendo dizer que muitos aprenderam a ler através do folheto. Para dar credibilidade a sua afirmação, mencionou um jantar oferecido, em 1955, por Jorge Amado na ABI (Associação Brasileira de Imprensa) com a presença de jornalistas e altos intelectuais: “eles testemunharam, filhos do Nordeste muitos deles, que aprenderam a ler, começaram a soletrar, que a cartilha deles foram esses folhetos de João Martins de Ataíde, Manoel d’Almeida Filho e tantos outros”. Também comentou que a literatura de folhetos deveria ser escrita por aqueles que viviam daquilo:

Ninguém pode escrever folhetos da poesia popular nordestina, a chamada literatura de cordel, sem seguir esta base folclórica que está aí [...] Muitos aí estão participando. Pessoas formadas, com diplomas e que a profissão não é esta, como já afirmei, vai ser trovador, poeta popular, vai escrever poesias mal rimadas, mal versadas, fora de métricas, de rima e de oração. (Rodolfo Coelho Cavalcante)

Manoel d’Almeida Filho, explicando porque se incomodava com a palavra *cordel*, concluiu seu argumento dizendo que não tinha prova da existência de literatura semelhante a nossa em outros países, chegando mesmo a afirmar que “eles não tem essa literatura lá” e, por isso, era contra a palavra *cordel*. Para ele, a literatura de folhetos nordestino é uma e a literatura de cordel da Espanha, de Portugal é outra coisa. Rodolfo Coelho Cavalcante, corroborando o posicionamento de Manoel d’Almeida Filho, referiu-se a Raymond Cantel, dizendo:

[...] ele vem quase anualmente ao Brasil, fazendo conferências sobre a nossa literatura, e nunca trouxe literatura da França ao nosso estilo. É como diz bem o nosso colega: Se existe literatura de cordel, e então essa literatura vem do estrangeiro ele devia trazer pra nós... Ao contrário, ele leva os nossos folhetos, leva grande quantidade quando

3 Entrevista gravada por M. Ignez N. Ayala em João Pessoa, 18 de dezembro de 1978, já digitalizada, encontra-se no Acervo Ayala - registros sonoros digitalizados.

aqui chega, faz os seus estudos e volta ao Brasil para vir dar palestra sobre a literatura que é a nossa.

Ainda sobre a apreciação dos folhetos e sobre o nome cordel, acompanhemos trecho de entrevista de J. Borges a Laurita Caldas:

Meu único interesse era aprender a ler pra ler cordel. E quando eu comecei a carta do ABC comecei no B-A BA, juntando letra com letra, eu já fui também juntando as letras do cordel...[...]

Meu pai lia durante a semana de noite, eu era pequeno naquele tempo, criança mas... “Pai lê o folheto?” Nesse tempo não era cordel, não existia esse nome. “Lê o folheto?” Aí meu pai lia um, às vezes lia dois e eu ficava lá sem sono pra ouvir. (CALDAS, 2003)

J. Borges, a respeito do que considera o melhor, comentou:

O cordel bom mesmo é o cordel mentiroso. O cordel que se consagra, que o povo gosta é a mentira. Cordel real, ele não dá nem oito dias de sucesso, o povo já sabe daquilo e acaba com aquilo, não quer saber mais. Agora a mentira mesmo é que continua durante séculos. [...]

Tudo é mentira. A mentira, ela vai além de gerações. E a verdade aparece ligeiro e morre. No cordel é assim. (Ibid.)

O FOLHETO VENDIDO NAS FEIRAS

Independente do nome (folheto, cordel), o fato predominante é que, com essa literatura popular em verso, foi trazido para o espaço da cultura com escrita não só o gosto tradicional popular, mas o que era *experiência vivenciada* como poesia pela rede de pessoas que integram esse sistema literário em processo. É preciso lembrar que qualquer literatura não se faz apenas de livros. Além desses objetos culturais há um conjunto de autores que se identificam entre si, há as obras (escritas por eles, que passam por editores, revisores, tipógrafos, datilógrafos, hoje digitadores, que interferem na produção original, os manuscritos), o público leitor. No caso do público tradicional, este estabelece um contato direto com os agentes desta rede ao comprar os folhetos nas bancas de venda; muitas vezes o autor também assume o papel de vendedor e revendedor.

No vídeo *Olhos da alma, cantos do coração* (1999), Vital Farias, ao falar sobre a importância que teve em sua vida Seu Nequinho, cantador cego e vendedor de folhetos “que atuou muitos anos nas feiras livres de cidades do interior da Paraíba” referiu-se ao fascínio

exercido nele, ainda criança, por vendedores de folheto “quando abriam aquela mala” e por cantadores, como Seu Nequinho que cantava aquelas histórias ao vivo:

Um mundo que eu já cultivava, que minha mãe cultivava, nós cultivávamos lá em casa que era o mundo do folheto, do romance, *Vida de Cancão de fogo*, do *Pavão Misterioso*. Toda essa literatura popular, os versos de cordéis, depois essa palavra vem, posteriormente. Não se chamava cordel em Taperoá. Essa coisa veio de fora. Então eu já tinha uma intimidade. De certa forma, comecei a ler e a escrever com o folheto, com o romance, minhas irmãs mais velhas me ensinando a ler no próprio folheto, no romance que eu chamava de romance. (CABRAL, 1999)

No caso da literatura de folhetos, apesar de se apresentar como cultura escrita, contém, vale lembrar mais uma vez, muitas marcas da oralidade, como a rima, a métrica (em redondilha maior, os versos de sete sílabas), a oração (a articulação dos versos de uma estrofe que fluem como na fala), o ritmo dos versos reforçado muitas vezes por melodias que acompanhavam a leitura cantada, as *estruturas formulares*, tudo isso a auxiliar a memorização. Sabe-se que a memorização confere aos textos uma duração maior e diferentes temporalidades. O público tradicional dos folhetos, tanto pode fazer a leitura individual em silêncio ou vocalizada diante de ouvintes, de modo que estes usufruam os poemas narrativos e os guardem na memória, lendo-os através dos olhos e da voz dos outros, tanto no ritmo da fala, quanto com melodia e canto.

Acompanhemos um pouco mais o estudo de Arantes (1982, p. 32), a respeito do folheteiro:

Para tornar-se folheteiro não basta ter capital para adquirir o “sortimento” de folhetos e boas relações com os editores e distribuidores: é preciso, sobretudo, saber *como* dizer o folheto e como entreter o público, o que se faz principalmente através da fala.[...]

Os folhetos são cantados numa “toada” repetitiva, que varia de gênero para gênero (alguns não são cantados, mas declamados) e praticamente de um folheteiro para outro. A “toada” geralmente marca a subdivisão do poema em estrofes e esta característica é enfatizada na pausa que o folheteiro faz em sua leitura (chamada de “tranca”) a fim de vender o folheto antes de prosseguir com o poema. O “tranca” é feito em momentos cruciais do enredo, quando ele já prendeu a atenção do público. O canto do folheto costuma ser entremeado com explicações ou comentários sobre o desenvolvimento do enredo, chamando-se, assim, a atenção dos ouvintes para o que se seguirá.

Há um repertório de predileção dos leitores como o citado por J. Borges:

As Proezas de João Grilo também vem de orelha com o *Pavão*. Vende talvez mais que o *Pavão*. *João Grilo* é daqui, de um poeta de Bezerros, João Ferreira de Lima que era cartomante e astrólogo, ele escrevia almanaque... (CALDAS, 2003)

O público leitor, formado por adultos, jovens e crianças, também incluía iletrados, que em vez de ler, com o auxílio de amigos e parentes, ouviam atentamente, decoravam os poemas narrativos, ouvidos, conservando na memória os textos preferidos. Talvez seja o único caso no mundo de um sistema completo nas mãos das classes trabalhadoras rurais/urbanas e proletárias – do criador, editor, tipógrafo, xilógrafo, distribuidor ao leitor/ouvinte. Muitos leitores aprenderam a ler, de tanto ouvir e acompanhar a leitura declamada ou cantada, observando os sinais gráficos nas páginas dos folhetos. Outra característica desta literatura é que ela não se destina para a leitura silenciosa, individual. Sobre a leitura, acompanhemos, uma vez mais, o estudo de Arantes (1982, p. 36):

Na leitura de folhetos em casa, as pessoas em geral reproduzem o modo de leitura do folheteiro que foi descrito acima. Nas reuniões de vizinhos ou amigos, em horas de folga, quem sabe mais canta ou declama folhetos, segurando o livrinho e repassando o texto, embora muitas vezes já o conheçam de cor, totalmente ou em parte, exatamente como acontece com o folheteiro na feira. Os ouvintes (homens, mulheres e crianças) respondem ao leitor de acordo com o que acontece no enredo, rindo e manifestando aprovação a valores expressos nos poemas, através de frases estereotipadas como: “*êta cabra valente da gota!*”, “*É valente demais, homem!*” etc.

Observando essas situações, torna-se evidente que, embora esses poemas sejam escritos e circulem em forma impressa, eles se destinam a ser lidos em voz alta ou cantados. Na verdade, o próprio formato do folheto indica isso. Nas edições usuais, a única ilustração é a de capa, que vários editores e folheteiros disseram ser um dos meios pelos quais o matuto analfabeto reconhece graficamente o poema que quer comprar; às vezes, dizem eles, alguém se recusa a comprar um folheto reimpresso com capa diferente, temendo não encontrar o texto que estava procurando.

Apesar de ter sido longa a citação, ela ilustra situações que muitos pesquisadores de campo já vivenciaram no passado e hoje em dia, quando fazem pesquisa que considera os

leitores tradicionais, muitos deles iletrados ou com pouca escolaridade. Situações bem semelhantes ocorrem em cidades cearenses, como tem observado Rosangela Freire. Ao que tudo indica, embora nem sempre visível, o público tradicional continua tendo uma relação comunitária durante as situações de leitura, mediada pela expressão em voz alta ou cantada. Um evento institucional lança um cordel na última segunda-feira de cada mês na cidade de Crato. Nessa apresentação, existem textos bons e alguns sofríveis, mas a maior gratificação ancora-se na possibilidade do pesquisador se deparar com os tradicionais leitores/ouvintes de folhetos e ouvir suas experiências. Em um dos casos que Rosangela vem estudando, mesmo um ancião que vive sozinho, tendo poucas pessoas com quem troque experiências, em sua solidão ouve a voz do folheto, à medida que canta para si mesmo, todos os dias, *O Pavão Misterioso* para não esquecer os versos. Quando tem interlocutores, ele externa comentários semelhantes aos descritos por Arantes, testando a atenção de seus ouvintes e manifestando seu apreço por esta história.

O ancião referido, Seu Claro, após ouvir a leitura de um cordel, foi muito espontâneo ao declarar que o texto lido era *mal amarrado*. Irredutível, afirmou que só conhecia um verso bem amarrado: *O pavão*. Ao citar longos trechos deste folheto, simultaneamente, fazia comentários de uma pertinência espantosa:

É todo bem amarrado e é pai d'égua mesmo esse verso... Olhe que danado bem feito... Uma coisa dessa parece mentira, homem... Olha! ... Menino, homem, isso só sendo uma mentira... Não é possível, não é possível uma coisa bem feita desse jeito... [...] Eu acho danado é porque quase todas palavras é rimada, né?

Os leitores/ouvintes tradicionais de folheto possuem uma apreciação crítica consistente em relação aos versos que leram/ouviram, ao se depararem com algumas leituras de cordéis na atualidade. Esse ontem e hoje, o antigamente e o agora, permitem uma avaliação instantânea, considerando tanto a leitura quanto a qualidade literária do que é ouvido.

Seu Raimundo Aniceto, mestre da tradicional Banda Cabaçal Irmãos Aniceto, fez algumas observações sobre a leitura do folheto:

Antigamente tinha muita gente que lia esse cordel... é um trabalho interessante, viu? Mas é preciso a pessoa saber ler pra dar aquelas... caídas, detalhes de um homem brigador... É obrigado a pessoa saber

a arrogância pra poder ler o cordel. Não é todo mundo que lê não...
Lê, mas não tem aquela... boniteza...⁴

Ainda nesta ocasião, Seu Aniceto informou que o irmão mais velho, já falecido, sabia 60 romances decorados. “Era uma maravilha... Ele cantava uma noite todinha, sem ler, sem nada, só gravado”.

Mudanças passam a ocorrer nos anos 1950/60 com a produção da Editora Prelúdio e depois pela Editora Luzeiro, ambas de São Paulo, que começam a utilizar outra *fórmula editorial* (CHARTIER, 2002, p. 68). O tamanho dos folhetos torna-se maior de que os publicados na região de origem, que até hoje mantêm as dimensões de 11,5 cm por 15,5 cm. Os folhetos publicados em São Paulo obedeciam à fórmula editorial de publicações destinadas ao consumo de massa, voltadas para um grande público que lia naquele formato histórias de santos, almanaques, narrativas em prosa. O poema de Antonio Teodoro dos Santos, *Carlos Magno e os doze pares de França*, editado pela Gráfica Editora Prelúdio, apresenta várias ilustrações no interior do volume, no estilo das encontradas em livros destinados a um público infantil. Este folheto, sem data, provavelmente foi impresso antes de 1956, conforme a ficha catalográfica do exemplar xerocado, contendo esta data manuscrita, seguida de interrogação.

O sistema editorial, antes exclusividade dos prelos nordestinos, ao ser produzido fora da região, começou a se assemelhar, pelos aspectos exteriores, com o das editoras voltadas para o consumo de massa. As capas dos folhetos da Editora Luzeiro, com desenhos impressos em várias cores lembravam a ilustração de capas de gibis e de histórias de faroeste, vendidas em bancas de revista. As páginas internas traziam (e trazem até hoje) os poemas produzidos pelos autores nordestinos consagrados e pelos mais novos que passavam pelo crivo de Manoel d’Almeida Filho, poeta escritor de folhetos reconhecido, contratado como editor desta coleção, por muitos anos.

Conforme pesquisadores, a produção nordestina começou a diminuir devido a dificuldades na produção, como assinalado acima, além do desgaste de tipos e das máquinas impressoras. Foi se reduzindo o leitor tradicional dos folhetos nordestinos nos anos 1960, mas nas décadas seguintes vai surgindo outro público, formado por estudiosos e universitários,

4 Raimundo Aniceto, mestre da Banda Cabaçal Irmãos Aniceto. Gravação feita na feira do Crato, no dia 26 de abril de 2010.

começando a produzir várias dissertações e teses sobre esta literatura no Brasil, nos Estados Unidos e em vários países europeus. Passa-se a comparar nossa literatura popular em versos nordestina com uma produção antiga, medieval, produzida no continente europeu.

O público tradicional nos anos 1970/80 tinha a sua disposição uma vasta oferta de programas de rádio em muitas cidades dos estados do nordeste e nas cidades onde foi expressiva a migração nordestina. Comandado por uma dupla, além de repentes ao vivo, eram reproduzidas faixas de discos fazendo a apresentação de diferentes gêneros poéticos do improvisado, além de poemas declamados ou cantados, canções de temática variada, aboios, canções de vaquejada e emboladas. Este tipo de programa de rádio continua existindo, em menor quantidade, com tempo limitado, o que impede a leitura de folhetos e romances. O rádio passou a ser um veículo de divulgação da produção sonora – discos, fitas cassete, CDs, DVDs – e dos encontros presenciais de cantadores repentistas, emboladores, aboiadores e vendedores de folheto em festivais, festas de vaquejada em cantorias em bares ou residências rurais e urbanas. Muitas entrevistas feitas com cantadores e escritores de folheto apontam a década de 1960 como data de transição dos poemas narrativos de folheto e romance para os poemas e canções nas cantorias (Consulte-se AYALA, 1988).

Se o lugar ideal para ouvir versos cantados ou declamados, na extensão do folheto (8 páginas), romance (16, 24, 32, 48 e 64 páginas), eram a feira livre ou mercados populares, vimos, com Ruth B. Lemos Terra (1980), que esta opção foi inviabilizada depois de 1964 por censura ou por excessivo barulho produzido por aparelhos de som usados em outras bancas. No mesmo texto, a pesquisadora comenta:

[...] a iniciativa paternalista de publicação de poemas pelas Universidades Federais de Pernambuco, Alagoas e mais recentemente Paraíba. Os folhetos assim editados são em parte dados a seus autores, que passam a vendê-los para o seu sustento, e em parte distribuídos a bibliotecas e estudiosos do assunto. Resta saber se estes poemas “escolhidos” pelas Universidades têm aceitação junto ao público desta literatura; qual o critério para escolha de poetas e dos textos a serem publicados, e, finalmente, qual o sentido do Estado subsidiar e, portanto, interferir em uma produção cultural do domínio das classes populares.

MUDANÇA DE PÚBLICO

Antes, a literatura popular em verso impressa, composta por folhetos e romances, configurava-se como sistema editorial inteiramente popular, independente, paralelo (ou simultâneo) ao sistema editorial dominante; autônomo, a ponto de trazer para o universo da oralidade romances europeus e brasileiros, traduzidos para a realidade nordestina e sertaneja, como ocorre com os folhetos e romances que contam a história de Carlos Magno e os doze pares de França, a história da Escrava Isaura, de Iracema, a virgem dos lábios de mel, de Gabriela (neste último caso, simultaneamente à adaptação para TV).

De sistema alternativo caracterizado como forma não institucional de cultura passa, progressivamente, a uma situação dependente, obedecendo às diretrizes do ensino institucional e às leis do mercado editorial.

Falta, ainda, uma pesquisa de público aos moldes do que foi feito por Antonio Augusto Arantes e sugerido por Ruth Terra, acima. Faltam pesquisas dos diferentes públicos atuais – tanto o tradicional, fundamentado na oralidade, quanto o novo público escolarizado. Só a realização de pesquisas de campo que busquem conhecer os modos de leitura realizados em escolas, que adotam títulos da literatura de cordel, pode nos levar ao conhecimento do repertório utilizado no ensino, do gosto dos professores e professoras, dos estudantes, da proporção de novos autores e de suas obras, do que fica na memória, considerando os novos cordéis em relação aos títulos de folhetos tradicionais em constante reedição. Sem isso só restam especulações, pois o fato de ser posto à venda, de ser um incentivo à leitura escolar, não garante que se forme um público para esta literatura de cordel. Pode se formar um público eventual e não duradouro como o público tradicional, que traz em sua voz, em seu corpo, os seus clássicos.

Na experiência de leitura de versos contada por Seu Francisco Rodrigues, em sua residência, em Juazeiro do Norte, aparecem os familiares que sempre compravam folhetos; ele lia e, em volta, se formava um auditório:

- Êita eu trouxe cinco verso', seis verso' pra você ler. E nessa época, eu era garoto novo. Eu aprendi a ler um pouquinho. Com 9 anos, eu já, já lia verso, livrinho, essas coisa... toda vida eu fui um pouco inteligente. Então, meus tio', tinha dois irmãos do meu pai, aliás, um cunhado do meu pai e um irmão e gostava de comprar esses folhetozinhos, esses verso', e trazia lá pra casa, pra casa de meu pai pra mim ler. Aí juntava assim dez, doze, até quinze pessoas, às vezes,

tudo sentado lá na sala, na casa grande, o pessoal sentado... Aí eu pegava os versozinho', né? os livrozinho', aí, eles trazia cinco, seis, oito versozinhos desses pra mim ler.
Aí eu pegava... aquilo com uma luz de lampião ...⁵

EM BUSCA DAS VOZES DO FOLHETO

Não tivemos oportunidade de conhecer trabalhos extensos sobre a leitura em voz alta ou cantada, com exceção de TERRA, ARANTES e de dois artigos publicados pela Casa de Rui Barbosa. Embora em menor número, são importantes os trabalhos existentes sobre o contexto e o processo de criação dessa produção intelectual de autodidatas nordestinos, seus autores e toda a rede responsável pela circulação dos textos nas diferentes localidades da região ou para outras nas quais foi intensa a migração nordestina até os anos 1970.

Até hoje, ainda são poucas as informações sobre a simultaneidade da forma oral (cantada ou declamada) no processo de venda da produção impressa, através do qual se criou, até os anos 1950/1960, um tipo de difusão específico para atrair e atender seu público leitor/ouvinte tradicional. Quando ocorre vem desprovida de som e imagem, apenas descrita pelo pesquisador, apesar de, recentemente, serem cada vez mais acessíveis bons equipamentos sonoros e audiovisuais.

Devido a essa lacuna nos estudos da poesia narrativa nordestina impressa para ser lida em voz alta ou cantada, Maria Ignez N. Ayala vem desenvolvendo, desde meados dos anos 1990, sempre que surge uma oportunidade, registros de cantos de antigos vendedores de folhetos em feiras; de poetas repentistas, que ainda guardam na memória as histórias completas e de emboladores que encaixam, no meio de improvisos, trechos de romance ou de versos tradicionais. Mais recentemente, Rosangela Vieira Freire, através de seus colaboradores e principais sujeitos do diálogo, a partir do qual vem se desenvolvendo seu projeto de tese, em fase conclusiva, está descobrindo muitas vozes do folheto. Em algumas situações, tem-se necessidade do escrito para reavivar a memória, a exemplo de uma colaboradora que é deficiente visual e aprendeu alguns folhetos ouvindo. Em nossos primeiros contatos, ela já estava disposta a cantar, mas não sabia o primeiro verso do romance *O valente sertanejo Zé Garcia*. Então, ela assim se expressou: “Se eu tivesse com o verso aqui... a

5 Gravação feita em 27/09/2010 na residência de Francisco Rodrigues, Seu Fanco Sapateiro, Novo Juazeiro - Juazeiro do Norte-CE

senhora lia... Eu só precisava do primeiro pé pra dizer o verso todo... Sem o primeiro pé, eu digo, mas fico toda atrapalhada. Como é, meu Deus?!”

Esta experiência de Rosangela Freire motivou a parceria com Ignez Ayala, sua orientadora, para fazer um trabalho conjunto de busca e valorização destes homens-livro e mulheres-livro, espécie de bibliotecas falantes e cantantes, que têm demonstrado às duas pesquisadoras que o público tradicional não se contenta em conservar o texto; *quer* a voz do folheto. A voz, primeiro meio de acesso aos poemas narrativos, antes até de muitos aprenderem a ler, conserva-se em muitos ao longo de sua vida.

Nas romarias que acontecem em Juazeiro do Norte, é possível encontrar estas bibliotecas falantes vindas de vários estados do Nordeste, desde que se disponha de paciência e conte com os flagrantes do acaso. Um aspecto relevante nesses contatos é a reafirmação do gosto, dos versos que guardaram em si, da busca pelas mesmas histórias. Na banca de Seu Manuel Freire, constatamos que os versos procurados são, na maioria das vezes, falados ou cantados. Desses encontros, pudemos registrar muitas estrofes ou até folhetos inteiros cantados, como, por exemplo, o *Romance do Pavão misterioso*, *Peleja de Severino Borges com Patativa do Norte*, *Princesa da Pedra fina*, *A princesa Rosamunda ou a morte do gigante*, *Juvenal e o dragão*, *Alfredo e Julinha*.

Um romeiro de João Câmara (RN), ao cantar algumas estrofes *da Peleja de Severino Borges com Patativa do Norte*, teve a preocupação de situar sua ouvinte, indicando entre uma estrofe e outra quem estava com a palavra se Severino Borges ou Patativa do Norte.

[Ela saiu na frente]

Senhor Severino Borges
Desde já fique ciente
Que Patativa do Norte
No fabrico de repente
Nunca encontrou cantador
Que cantasse em sua frente.

[Ele agora]

Pois a senhora se agüente
Pra não cair do lugar
Porque com fé em Jesus
Eu hoje vou lhe mostrar

Como é que faz um verso
Do mundo velho empenar.

[Ela agora]

O senhor pode cantar
Com prática e polidez
Com pensamento e com base
Com calma e com rapidez
Se nunca apanhou na vida
É hoje a primeira vez⁶

Outro registro, *Alfredo e Julinha*, feito com Seu Manuel Antônio, um piauiense de Jaicós, apontou uma forma de apoiar a memória. Para não se perder, ao cantar o folheto, Seu Manuel Antônio retoma os dois últimos versos da estrofe anterior:

Eis aqui caro leitor
Um grande caso importante
Que deu-se no Rio Grande
Com um rapaz viajante
Dos dramas que eu já vi
Foi o mais interessante

Dos dramas que eu já vi
Foi o mais interessante

Este rapaz de quem falo
Residia no sertão
No Jardim do Seridó
Na fazenda São João
Vivia com os seus pais
Na mais perfeita união

Vivia com os seus pais
Na mais perfeita união⁷

Nestas estrofes introdutórias, percebe-se um eco do folheto *Mariquinha e José de Sousa Leão*, por exemplo: *Rapaz de tipo elegante, Negociava ambulante*.

6 Trechos da *Peleja de Severino Borges com Patativa do Norte*, cantado por Raimundo Barbosa na Pousada Bela Vista. Gravação feita em Juazeiro do Norte no dia 1º de novembro de 2010.

7 Gravação feita em Juazeiro do Norte, no dia 02 de novembro de 2010, na pousada em que o colaborador estava hospedado - Rua Todos os Santos s/n

Ayala gravou, em 2001, uma longa entrevista com Azulão, João José dos Santos, paraibano de Sapé, que migrou para o Rio de Janeiro em 1949. Foi trabalhar na construção civil e às quintas-feiras, cantava com Palmeirinha na Rádio Tupi no programa, comandado por Almirante, *Onde está o poeta*, que, segundo Azulão, parece ter sido o primeiro programa de cantadores do Brasil. Foi um dos fundadores da Feira de São Cristóvão, chegando a vice-presidente, com Manoel Alexandre Alves, paraibano de Cabaceiras, da Paraíba. Lá,

“acompanhando os acontecimentos, escrevia cordel, cantava de viola e vendia nas feiras [...] Então, fui ficando por lá minha vida foi essa! escrever romances, acontecimentos, cantar com Palmeirinha e outros colegas que apareciam por lá... e vender meus romances nas praças do Rio de Janeiro”. (Azulão)

A entrevista foi gravada em João Pessoa, em 2001, e é a base para o vídeo *Azulão: a voz do folheto*, editado em junho de 2007, para a Série Registros etnográficos – Documentários, produção do *Meio do Mundo*. Neste vídeo, ao contar como vendia folheto, disse Azulão:

Só quem cantava era eu. A roda que se fazia era devido à cantoria, à pregação ser cantada. Romances meus, de outros colegas, folhetos, histórias de gracejos então aquilo tudo... Nunca vendi folheto parado não, como quem ‘tava vendendo batata, era cantando mesmo. [...] O cantador tem uma visão mais aproximada de uma peça teatral, então ele... a cada estilo, a cada assunto tem uma toada. Se o assunto é sentimento vamos para uma toada maneira, leve... Se o assunto é agressão, uma toada agressiva assim. (AYALA, 2007)

Além da entrevista de Azulão, entre 2003 e 2010, Ayala gravou fragmentos do *O Negão do Paraná e o seringueiro do norte*, inseridos em embolada na fronteira da Paraíba com Pernambuco, além de poemas como a *Chegada de Lampião no céu*, tendo um coco tradicional como refrão, entre estrofes, e parte de *Coco Verde e Melancia*, em Santa Luzia, cantados por Mané de Bia. A retomada da publicação de folhetos e o surgimento de novos autores em vários estados foram motivações para continuar buscando vozes dos folhetos.

A partir dos anos 1990 começou a tomar novo fôlego a venda de folhetos, agora mais conhecidos como literatura de cordel, cordel ou cordéis. Surgiram e continuam surgindo novos autores em várias localidades do Brasil. Uma grande editora em Fortaleza, a

Tupynanquim, retomou a fórmula editorial tradicional em sua dimensão de 11,5 cm por 15,5 cm, incluindo como novidade um padrão gráfico de maior durabilidade (a qualidade do papel utilizado nas capas de papel colorido e nas do miolo ultrapassa a do antigo papel jornal), a impressão em *off-set*, a releitura de antigas vinhetas dos primeiros folhetos, a utilização de arte na capa que rememora os antigos clichês, postos agora em novo estilo que remete às HQ; os poemas são em sua maioria criados por novos escritores voltados em parte a um público estudantil e ao público em geral com temas e gêneros variados, incluindo-se os clássicos. Os poemas seguem as regras tradicionais dessa literatura no que se refere a métrica, rima e oração, mas são raras as que ultrapassam as oito páginas do antigo folheto.

A Editora Luzeiro, em São Paulo, voltou a publicar seu catálogo completo com inúmeros clássicos, suprindo o mercado nacional, com suas grandes tiragens, enquanto as editoras populares nordestinas, com exceção da Tupynanquim, não conseguem se expandir a ponto de acompanhar a demanda do novo público, crianças e jovens, em cujas escolas têm os folhetos como livros de leitura didática. Mesmo assim, há alguns que heroicamente resistem como José Costa Leite, J. Borges e Marcelo Soares em Pernambuco. Em Juazeiro do Norte (CE), pode-se presenciar o trabalho de Manuel Freire da Silva, poeta escritor de almanaques e vendedor, residente em Triunfo (PB), que, desta cidade sertaneja, se desloca para outros locais onde pode encontrar o público tradicional de folhetos. Seu Manuel arma sua banca de folhetos em uma das ruas centrais de Juazeiro do Norte em dias de romaria. Ficando ao seu lado, logo dá pra perceber a chegada de um ou de outro, procurando determinados títulos de folhetos antigos. Observando o que tem à venda, vê-se o catálogo quase completo de folhetos da Coleção Literatura de Cordel da Editora Luzeiro, além de outras edições desta editora: *O legítimo livro de São Cipriano*, *Cruz de Caravaca*, *Livro dos sonhos*, que devem ser bastante procurados pelo público. Das edições feitas no Nordeste, são poucos os títulos disponíveis, dentre eles poucos títulos publicados por antigas editoras nordestinas, alguns já sem capa, e os almanaques para 2011 escritos por Manuel Freire da Silva, José Costa Leite, Vicente Vitorino Melo, Manoel Caboclo e Silva, Manoel Luiz dos Santos e João Ferreira de Lima. A produção dos novos autores pela Tupynanquim e editoras do Crato não se encontra nessa banca de Juazeiro, provavelmente porque não satisfazem o gosto do público tradicional. As tiragens da Luzeiro não chegam a atender à demanda dos folheteiros. Seu Manuel sempre viaja com a mala desfalcada e lamenta que o pedido não foi enviado na íntegra. Às vezes fica chateado

porque chega uma quantidade bem reduzida. Apesar das décadas em que a Luzeiro publica folhetos, é comum encontrar fregueses conferindo a história.

Em conversa com alguns frequentadores da banca, enquanto escolhem títulos que desejam comprar, pudemos perceber, através de suas sugestões e comentários, que as mulheres ali presentes gostavam de romances de amor, enquanto os homens preferiam os de ação, histórias de valentão, gracejos e presepadas. Mas todos gostavam do *Pavão Misterioso*, *Coco Verde e Melancia*, *A chegada de Lampião no inferno*. Marcamos uma entrevista com um dos frequentadores da banca, pois ele se revelou uma espécie de biblioteca viva, tantos eram os versos que tinha de cor.

As entrevistas recentes, que gravamos no Ceará, entre 30 de janeiro e 1º de fevereiro de 2011, com três pessoas residentes em Juazeiro do Norte, um morador do Crato e um romeiro de Alagoas, atestam que existe um público tradicional, que memorizou quando jovem os poemas narrativos de sua predileção e os conserva na memória, expondo seu conhecimento da forma que lhe é mais prazerosa, cantando ou “dizendo os versos”. Não declamam, dizem os versos em voz alta, que fluem como uma narrativa com rimas internas, pois estes leitores não fazem uma impositação da voz. Seu Antonio de Alagoas, o mais fluente deles, carrega na memória um grande repertório, narrando um poema atrás do outro. Começou com *A chegada de Lampião no inferno*, passou para a *Chegada de Lampião no céu*, em seguida veio a *Peleja de Severino Borges com Patativa do Norte, Daniel e Geni*, romance com princesa encantada, dádiva de objeto de identificação futura, ida a reino longínquo; a primeira parte do *Pavão misterioso*, a primeira parte da *Peleja de Cego Aderaldo e Zé Pretinho do Tucum*, *O reino do mar sem fim*. Os outros entrevistados também cantaram seus repertórios. Em todos apareceu *A chegada de Lampião no inferno* e *O pavão misterioso*, além de outros folhetos. Só Seu Claro, do Crato tem como texto único *O pavão misterioso*, dando-lhe voz diariamente, mesmo na solidão, a que já nos referimos anteriormente. Ainda não houve tempo para fazer a transcrição das seis horas gravadas, mas a conversa com Seu Manuel e outros frequentadores de sua banca deixou evidente que existe um público tradicional que revela suas predileções ao estimular um comprador estranho a comprar um ou outro título e dizer por que o folheto, o romance ou o verso é bom. É preciso conhecer a apreciação do leitor tradicional, o repertório eleito por ele de “folhetos, romances e histórias de gracejo”, a variedade de temas preferidos

(valentia, amor, acontecimentos, pelejas) e o que os faz leitores/ouvintes que vibram com a literatura que trazem em si, na memória e na vida.

Para concluir, ainda merece ser estudado a fundo o fato de ser uma literatura impressa para ser lida em voz alta, com os versos sendo ditos ou cantados de memória; tudo isso imprime uma marca de oralidade ao folheto e assim permanece para seu público tradicional. Talvez situações e acontecimentos internos aos folhetos impulsionem a lembrança dos textos, quando identificados como semelhantes às dificuldades enfrentadas por esses leitores/ouvintes, de modo a mesclar experiência de vida e experiência de leitura/audiência; elementos responsáveis para tornarem esta literatura um *fazer dentro da vida*. Essas vozes fazem ecoar, nos folhetos a que dão vida, uma vivência mágica e trágica, com seus prazeres e dificuldades inesquecíveis. Ecos que depreendemos, juntando fragmentos deste enorme quebra-cabeça, cujas peças são trechos de entrevista, comentários que se alternam com os versos ditos em voz alta ou cantados.

REFERÊNCIAS

ARANTES, A. A. *O trabalho e a fala*. São Paulo: Kairós; FUNCAMP, 1982.

AYALA, Maria Ignez Novais. *No arranco do grito*. São Paulo: Ática, 1988.

CALASANS, José. *Canudos na literatura de cordel*. São Paulo: Ática, 1984.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

CUNHA, Euclides. *Caderneta de campo*. São Paulo: Cultrix, 1975.

MARANHÃO, Liêdo. *O Folheto popular: sua capa e seus ilustradores*. Recife: Massagana, 1981.

TERRA, Ruth B. L. “Literatura de folhetos: persistência de uma forma de comunicação popular”. Texto-base para comunicação apresentada no Painel “Usos e abusos da literatura de cordel”, *IX Encontro Brasileiro de Comunicação Social*, 1980, 7 p. (cópia do original mimeo. com a data São Bernardo, 18 de outubro de 1980)

DVDs

AYALA, Ignez. *Azulão: a voz do folheto*. (2007)

CABRAL, Elisa Maria. *Olhos da alma, cantos do coração*. (1999)

CALDAS, Laurita. *J. Borges*. (2003)

[Recebido: 30.mai.11 - 04.jun.11]